

Rosário de Mulher – A maternidade na obra de Conceição Evaristo

Vania Maria Ferreira Vasconcelos

Introdução

Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado em andamento, que pretende investigar as relações entre a mulher e a maternidade em enredos construídos na literatura contemporânea brasileira de autoria feminina em dois grupos de escritoras de perspectivas diversas. A idéia é investigar a relação entre o padrão construído no imaginário social, considerando as imagens do mito e das convenções nascidas como fruto da cultura patriarcal; as modificações que a própria história operou nestes padrões e as que são fruto da imaginação literária, nascidas da experiência e da reinvenção de ficcionistas mulheres. No caso deste trabalho que ora apresento, comentarei imagens da maternidade na obra de Conceição Evaristo, autora de reconhecido talento em todos os gêneros que tem publicado (conto, romance e poesia) e de cuja obra, recortarei aqui apenas as imagens de mães em dois livros: *Becos da Memória* (romance) e *Poemas da recordação e outros movimentos* (poesia). A escolha desta autora também se dá pelo fato de que a proposta de investigação crítica visa cruzar a observação de duas questões ainda pouco abordadas na crítica literária feminista: a maternidade e as relações raciais.

Um feminismo sem cor nem útero

Sabemos que os estudos feministas no Brasil se desenvolveram em relativo atraso com relação às reflexões teóricas norte-americanas e européias e que sofremos o golpe empobrecedor e o freio dos anos levados pela ditadura militar. Enquanto o movimento feminista brasileiro esforçava-se por sobreviver, disfarçando seus propósitos teóricos em meio aos objetivos dos movimentos de mulheres em luta contra a carestia, lá fora, as feministas avançavam em questões relacionadas à sexualidade, à constituição de gênero e suas conseqüências na formação das relações familiares e nas especificidades e diferenças dentro do próprio movimento feminista. Durante as décadas de 70 e 80, estivemos distante dessas discussões. Questões mais polêmicas ou complexas, tais como a relação da mulher

contemporânea com a maternidade ou as relações de raça dentro do movimento feminista, ficaram guardadas, no Brasil, para um momento posterior e mais maduro, no qual, penso, agora vivemos.

Quanto às relações de raça, por exemplo, o primeiro artigo de intelectual negra, traduzido e publicado em revista feminista, foi o de Bell Hooks, na revista *Estudos Feministas*, em 1995. Embora algumas militantes de movimentos negros no Brasil viessem já escrevendo e publicando sobre o assunto, quase sempre, o espaço possível eram revistas e antologias que se inseriam no grupo de publicações dos movimentos negros e não especificamente feministas. No seu artigo – *Fronteiras da diferença: Raça e Mulher no Brasil* – publicado na revista Estudos Feministas em 2000, Kia Lilly Caldwell, afirma que:

De várias maneiras, a ausência histórica de discussão pública sobre raça e racismo no país resultou no apagamento discursivo das realidades de dominação racial, o que aconteceu também no campo dos estudos sobre mulheres.(CALDWELL)

Nos Estados Unidos e Inglaterra, as feministas não brancas, desde os anos setenta, abordam os esquemas opressivos que afetam diversos aspectos da vida de mulheres, relacionados às questões de raça. No Brasil, conforme nos alerta Caldwell, os estudos acadêmicos feministas têm priorizado a experiência das mulheres brancas de classe média. As reflexões específicas, para a publicação e divulgação de escritoras desta vertente são raras, embora tenhamos a rica e diversa divulgação de textos desta vertente na publicação dos *Cadernos Negros* desde os anos setenta. Autoras como Conceição Evaristo, Cristiane Sobral ou Lia Vieira tornaram-se conhecidas graças a esse esforço cooperativo que teve como princípio a reivindicação política do espaço cultural de temática afro-brasileira. A tendência política nacional de menosprezar as especificidades das questões raciais nos estudos da sociedade, recolhendo os conflitos todos no domínio das tensões de classe tem ajudado a mascarar situações cruciais de discriminação das mulheres não brancas no Brasil. Além das questões de classe que atingem, de fato, prioritariamente a população não branca e entre elas, as mulheres em dupla subjugação, há também, por exemplo a popularização dos clichês em torno das mulheres negras e mulatas, cujo estereótipo é tão conhecido que se torna desnecessário citar; a idéia, associada a esta de que o ‘lugar natural’ dessa mulher é o servilismo, a domesticidade e o sacrifício está marcado de forma muito mais acentuada na

mulher não branca brasileira do que na branca, a ponto de essa última não se colocar numa situação de solidariedade de gênero, ainda que as questões de classe não estejam envolvidas.

Também o estudo da expressão da maternidade em si, nos textos feitos por mulheres tem sido negligenciado, conforme atesta levantamento parcial feito por Cristina Stevens no seu livro *Maternidade e Feminismo*. Em quadro demonstrativo que apresenta do levantamento das publicações feitas de artigos com este tema nas revistas e anais de encontros feministas, a pesquisadora revela o quanto esse tema é pouco abordado e, ainda mais, que, quase sempre, os poucos artigos publicados são de áreas relacionadas a análise social ou saúde e não à literatura. Penso ser fundamental investigar como tem se expressado as escritoras a respeito deste tema, já que a literatura, entre outras coisas, expressa vertentes do pensamento da época em que é produzida.

A experiência da maternidade segue sendo um desejo de muitas mulheres, tanto por representar um amadurecimento físico natural, quanto por ser uma experiência emocional/relacional de inigualável realização. Teoricamente, hoje, esta experiência é uma opção e não uma imposição. A mulher já poderia (se fossem ideais a situação de todas na nossa sociedade) escolher ser mãe jovem e adiar a carreira, ser mãe exclusivamente, não ser mãe natural, mas adotar um filho emocional, não ser mãe de forma alguma e ter como 'filhos', suas obras ou sua carreira, adotar a família sem filhos para desaguar seus cuidados maternos ou simplesmente não se envolver com sentimentos maternos e ocupar sua vida com a profissão, o lazer ou outros. Poder optar resultaria, teoricamente, em serem mães apenas aquelas que assim o escolhessem, por desejo e vocação, proporcionando talvez, menos ocasiões traumáticas para mães e filhos compulsórios. A opção que traz a variedade, deveria também trazer o acolhimento da sociedade dessa nova realidade. No entanto, seres de múltipla subjetividade que somos, ainda não conseguimos traduzir em realidade essa possibilidade e ainda menos, lê-la.

Anteriormente, quando a produção literária de mulheres era pouco conhecida, a complexa experiência da maternidade era representada de forma estereotipada e limitada pela ótica patriarcal. Na contemporaneidade, o olhar feminista pode e tem trazido à tona mais e mais os novos rumos que a mulher vai traçando em seus roteiros e a imaginação das escritoras tem problematizado o lugar de mães e filhas nos textos tramados.

Fundamental é conhecer o que nos diz a literatura de vertente afro-brasileira escrita por mulheres. Que situações maternas plasmará da realidade dessa mulher duplamente discriminada? É parte do que vamos investigar.

A mitificação e politização da maternidade

A imagem materna é, provavelmente, o mais poderoso e universal dos arquétipos; é o primeiro ser feminino com o qual o homem tem contato. A relação com a mãe funda e modela nosso barro emocional, a terra da qual tiramos o molde de nossos relacionamentos. Por outro lado, o papel de mãe, que é sinônimo de valorização no mundo patriarcal, é também uma imposição que aprisiona psicologicamente a mulher, podendo conduzi-la ao cumprimento de tal papel em situação de frustração, gerando vários desvios de alcance pessoal e social. Dos papéis femininos, é provavelmente a maternidade que sofreu sempre maior pressão no sentido de manter uma imagem idealizadora da mulher, relacionando-a ora à própria natureza, num determinismo redutor; ora ao sagrado, impondo-lhe uma aura sobrenatural. A força da mitificação da figura materna é muito poderosa no nosso imaginário, dificultando qualquer proposta de mudança. Em análise que faz das causas históricas que constroem a subjugação da mulher, Beauvoir lista as narrativas, tanto lendárias, religiosas e 'científicas' que associam a mulher à malignidade, num discurso que justificou sempre a necessidade de controle e subjugação. A filósofa então situa o momento em que se cria um padrão que, propondo a redenção desta situação, na verdade, cria uma forma de subjugação mais poderosa, enredadora e permanente: o mito do sacrifício maternal. A redenção do estigma maligno é somente alcançada pelo mito sagrado da mãe cristã, sublimando a mulher na condição de, no entanto, escravizá-la a um padrão de comportamento, submetendo-a a uma vida negativa, a uma não vida. É através da imagem de Maria que a sociedade patriarcal estabelece outro lugar para a mulher, mediante o sacrifício 'voluntário' de sua vida, por amor divinamente inspirado. Negando a experiência do sexo, subtraindo-lhe qualquer vivência além da maternidade e do sagrado, a mitologia masculina cria um padrão que exige da mulher o sacrifício da própria vida pela honra de ser vassala. Beauvoir, ao tratar desse mito, após ter observado o quadro *Natividade* (1470), de

Piero della Francesca, afirma que: “Pela primeira vez na história da humanidade, a mãe ajoelha-se diante do filho”. (BEAUVOIR, 1980, p215)

Também os mitos de orixás femininos ligam o destino feminino, quase sempre, ao objetivo principal de gerar e cuidar de filhos e sacrificar-se por eles. Yemanjá e Oxum tem sua representação associada a esta realidade. Yemanjá representa a mãe de todas as cabeças; a mãe primordial; que protege seus filhos e os pune também. Segundo a pesquisadora Carolina Cunha, apesar de ser saudada como ‘Odo Iyá’ (a mãe do rio), ela é considerada filha do poderoso orixá Olokum (o oceano). De acordo com essa lenda, Olokum tem papel tão importante na obra da criação como aquele correspondente a Olorum, o ser supremo. Há várias versões sobre sua história, mas todos concordam que o nascimento dos orixás é fruto da complicada relação que Yemanjá teve com um de seus filhos, e cujo amor pecaminoso foi repellido por ela com repugnância, levando-a fugir, transformando-se em água para sempre, portanto também neste mito, a idéia do sacrifício feminino e do pecado.

Em termos práticos, a importância de manter e controlar o modelo conceitual da maternidade envolveu sempre interesses tão caros à sociedade patriarcal que, mesmo em períodos de discurso e prática revolucionárias, foram frustradas as tentativas de revisão dos papéis e responsabilidades relativos aos modelos de família propostos. Andréa Nye (1995), ao fazer a revisão histórica do movimento de mulheres que participaram das transformações decorridas durante a revolução francesa, a independência americana e a revolução marxista, traz o relato da decepção de várias ativistas no sentido de que, apesar de fundamentais nas ações estratégicas, não eram atendidas na efetivação das suas reivindicações, especialmente quando isso significava alguma mudança nos padrões de comportamento sexual ou que alterasse seu lugar de submissão aos desejos e necessidades masculinos. Na obra, Nye dedica um capítulo ao estudo da revisão, feita pelas psicanalistas e teóricas francesas, dos conceitos de Freud a respeito da feminilidade. Na análise, já distante da exposição indignada, embora sóbria, de Beauvoir, as novas feministas como Juliet Mitchell, Luce Irigaray ou Julia Kristeva re-significam o discurso freudiano, considerando sua visão patriarcal e propondo a transformação do padrão dentro mesmo do esquema patriarcal, já que nele estamos inseridos. As teóricas propõem que o padrão se modifique a partir da mudança no esquema

educacional da família, onde se plasma a formação dos gêneros a partir das relações emocionais e comportamentais aí acordadas. Nesta proposta, é fundamental, por exemplo, que mãe deixe de representar a figura exclusiva ou principal dos cuidados iniciais das crianças, provocando novos conceitos e direcionamentos na política familiar dos gêneros. A maternação, segundo essa análise portanto, é fundamental à nossa formação, mas este papel deveria ser exercido por homens e mulheres para que se quebrasse o conceito estreito e fechado que aprisiona homens e mulheres aos papéis de gênero e que tanto sofrimento psicossocial tem gerado na sociedade.

Considerando a atualidade, podemos facilmente perceber o quanto continua sendo manipulada, de maneira injusta e danosa, a função da maternidade na vida das mulheres, quando, transformada em política pública que dita normas, mas não confere condições práticas de realização. Nesse contexto, a mulher tem sido cobrada do ponto de vista legal, social, econômico, físico e emocional pela família, pelo estado e por toda a comunidade para que atenda às ideais condições de ‘boa mãe’, sem que lhe seja oferecido nenhum suporte para tal. Basta que lembremos das campanhas pelo pré-natal como uma obrigação de toda boa mãe, num país cujo sistema de saúde pública, além de falido, beira o criminoso ou das campanhas pelo aleitamento materno, quando as mães pobres são subnutridas, vivem em condições precárias de saneamento, quase sempre trabalham na informalidade, o que as impossibilita a licença maternidade. Dagmar Meyer demonstra que esse processo de uso político da maternidade começa na Europa dos séculos XVIII e XIX e que incorporou a mulher como mãe, no centro das políticas de “gestão de vidas” – que Michel Foucault nomeia de ‘bio-política’. Dagmar questiona:

Que discursos e que forças sociais, que poderes e que conflitos se conectam para produzir, definir, atualizar e re-posicionar maternidades? E quais sustentam o pressuposto de que determinadas formas de pensar, sentir e agir da mãe constituem um a priori indispensável para a saúde física e emocional da criança?

A dor e a solidariedade entre as mães de Conceição Evaristo

Na narrativa e na poética de Conceição Evaristo, a diversidade das situações que envolvem a maternidade demonstram a reflexão e a observação da complexidade desse papel

na sociedade brasileira, revelando, além das preocupações de gênero, a denúncia do agravamento das dificuldades da vivência desta situação quando nela pesam os problemas de classe social e repercutem os preconceitos de raça.No entanto, como um traço de esperança no estilo da autora, percebemos uma trança de solidariedade ou um ‘rosário de mulheres’; a ligação cúmplice entre mulheres de várias gerações, que se protegem e cuidam, especialmente quando mães ou como mães, como se fizessem parte de uma grande corrente, que envolveria talvez as ancestrais, as santas, as orixás.No romance memorialista *Becos da Memória*, destaco três situações exemplificadoras : a primeira, envolve uma personagem que podemos considerar a ‘mãe da comunidade’, é a mãe velha, semelhante a Yemanjá, senhora de autoridade tipicamente maternal, que era obedecida e respeitada pela fala e pelas ações; que socorria aos que eram abandonados e dissolvia atritos.A personagem parece entrelaçar o mito e a realidade brasileira, personificada numa função bem popular nos cantos pobres do país – a parteira – aquela que transforma habilidade aprendida na experiência em solução improvisada, mas que termina por resolver frequentemente a ausência de assistência ao parto e aos cuidados com a saúde de mulheres e crianças.

Vó Rita era a parteira da favela. Todos gostavam dela. Quantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz da vú Rita por perto, cada contendor tomava seu rumo.Não era preciso dizer nada.Era só ouvir a voz da vú Rita que o valentão ou valentona se desarmava todo (...) Sempre sabíamos quando Vó Rita estava chegando.Ela vinha cantarolando ou falando sozinha, às vezes, até sozinha sorria, gargalhava mesmo.E não era louca, Vó Rita era boa, muito boa mesmo.Hoje quando penso em Vó Rita é como se pensasse no mistério e na plenitude da vida. (EVARISTO,2006)

Também da narrativa, salta uma situação trágica, mas bem comum nas comunidades pobres: a mãe que escolhe sacrificar um filho no desespero de obter como sustentar outro e que aceita, com naturalidade, o destino de mercadoria para sua filha . É Tetê do Mané, mãe de Nazinha, que vende a filha na esperança de salvar a si, ao filho doente e, na sua visão distorcida pela ignorância e miséria, a própria menina da pobreza:

A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. Sonha remédios para o filho doente, emprego para o marido bêbado.Sonha um futuro menos pobre para a menina.A mãe da menina sonha ter nenhuma necessidade.Sonha dinheiro, dinheiro, dinheiro.Outro dia, veio aqui um fornecedor da fábrica de cigarros suprir os botequins da favela.O homem, diferente de nós, fala grosso com a mão no bolso.A mãe da menina fica a olhar a mão

do homem.Os dois se olham.Ela sabe do vício do moço.O moço já sabe das necessidades dela.O moço é rápido,direto,franco e cruel.'Quanto você quer, mulher?'A mãe da menina não responde.O homem tira o pacote de notas.A mãe chama a menina. 'Nazinha, acompanhe o moço!'O homem pega a menina pela mão e segue outros rumos. (EVARISTO, 2006)

Já Custódia denuncia outra situação que envolve a tensão de classe e a situação de gênero. Cheia de filhos, vivendo com o marido bêbado e a sogra que não mais tolerava novas crianças a agravar a miséria, é surrada pela sogra, que se aproveitando de uma bebedeira do filho, faz parecer que era ele quem surrava a mulher, fazendo-a perder o filho: “Custódia apanhava da sogra, que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia,Custódia não se levantou de dor.À tarde, pariu uma menina morta.Dona Santinha pegou a Bíblia e orou.Enterrou a criança no fundo do barraco”.

Percebemos que a autora constrói situações que complexizam a experiência da maternidade, construindo retratos que traduzem questões polêmicas, de conotação social, política e de gênero, afastando-se do padrão idealizado e buscando esteticamente a contemporaneidade. Para finalizar, cito dois poemas da autora, que envolvem a idéia que intitula este trabalho nos versos da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*.

Vozes – Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta

no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagem sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz da minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Desejo destacar, além da beleza sonora, a própria construção harmônica das estrofes, através do paralelismo dos versos iniciais que reforçam a idéia, construída na mensagem do poema, do entrelaçamento das vidas dessas mulheres, através das gerações; uma corrente que se dá justamente pela voz que ecoa; contrária ao sentido de tortura e prisão relacionada às correntes que prendiam os ancestrais africanos ao cativo, aqui é a voz, elemento

libertário, que vai transformando-se de *lamento*, *baixinho*, até chegar ao *eco da vida liberdade*.

Meu Rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, em que meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.

(...)

E sonho nas contas do meu rosário lugares, pessoas
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas do meu rosário
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuta em tinta,
me guia o dedo
me insinua poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria. (EVARISTO, 2008)

Embora aqui não tenhamos o poema na íntegra, os versos transcritos já nos dão conta do ‘movimento’ deste texto. Usando a religiosidade que configura nossa cultura e nossa memória, a poetisa vai relacionar os arquétipos maternos a um só tempo estabelecendo nossa filiação afetiva e feminina no modo de crer e a crítica à exclusão que desde a infância sofrem nossas crianças agredidas pelo preconceito, fazendo já nascer aí o sentimento de inferioridade e não pertencimento. O rosário, que além de símbolo da religiosidade que nos forma, é também uma peça que se opera pela repetição das contas e das mesmas preces no ritual da reza, aqui vai também representar a repetição das dores, dos lugares, das situações vividas e presenciadas no roteiro de uma vida entre o sonho e a decepção diante da recorrência da injustiça, pois *Vou e volto por entre as contas do meu rosário/ que são pedras marcando-me o corpo-caminho*. Por fim, o eu-lírico descobre sua identidade, denominando-se com o nome que é, por excelência brasileiro, maternal e, sobretudo, nome de mulher: Maria.

Referências Bibliográficas

CALDWELL, Kia Lilly. *Fronteiras da Diferença: raça e Mulher no Brasil*, in *Revista Estudos Feministas*, ano 8, segundo semestre 2000.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyia, coleção Vozes da Diáspora Negra, 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. *A Politização Contemporânea da Maternidade*. in: *Gênero*. Revista do Núcleo Transdisciplinar de gênero – NUTEG 2º semestre de 2005 – v 6 no 1

NYE, Andréa. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Tradução Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

STEVENS, Cristina. *Maternidade e Feminismo: diálogos na Literatura Contemporânea*. Florianópolis: ed. Mulheres, 2007.